

1

DA BOTÂNICA A ZOOLOGIA: AS PESQUISAS E ATIVIDADES DO CIRURGIÃO E LICENCIADO FRANCISCO ANTÔNIO DE SAMPAIO NA VILA DA CACHOEIRA, CAPITANIA DA BAHIA, NO SÉCULO DAS LUZES.

JOÃO BATISTA DE CERQUEIRA<sup>1</sup>

## 1.0 INTRODUÇÃO

A vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, situada na Capitania da Bahia, ao longo do século XVIII, tornou-se um importante centro regional da colônia brasileira, assumindo uma identidade cultural própria, oriunda da integração entre os costumes, hábitos e saberes dos povos indígenas, africanos e colonizadores europeus. Em decorrência, no campo cultural ao longo do século XVIII, a Vila da Cachoeira se tornou um importante centro regional, no qual se desenvolveram importantes pesquisas no vasto campo das ciências naturais, em resposta às demandas da Academia Real de Ciências de Lisboa, no contexto da Ilustração portuguesa (BRASIL, 2005. p. 6; SAMPAIO, 1971, p. 5).

Situada na orla do Recôncavo baiano, as margens do Rio Paraguaçu e tendo um porto fluvial, segundo Homem de Melo (1878, p. 10), distando “12 léguas da desembocadura na Baía de Todos os Santos”, a sede da vila, localizava-se em uma posição estratégica para o projeto de povoamento de colonização da Corte portuguesa na Capitania da Bahia. Interligada por via hidroviária a Salvador, a vila, segundo Reis Júnior (1953, p. 12), transformou-se no maior entroncamento comercial do Brasil e, inclusive, seu porto foi, historicamente, ponto de rotas transnacionais que incluíam a costa da África. Ademais, era a passagem obrigatória dos viajantes que demandavam em direção aos “sertões”, uma vez que, na mesma, começavam as três estradas reais que lhes permitiam adentrarem ao interior da colônia brasileira (HOMEM DE MELO, 1878, p. 10; BRASIL, 2005. p. 5; REIS JÚNIOR, 1953. p. 12).

Dentre os estudos em História Natural realizados em Cachoeira, na centúria de Setecentos, encontra-se a obra “História dos Reinos Vegetal, Animal e Mineral do

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Morfológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Doutorando do Programa de Ensino, Filosofia e História das Ciências da UEFS/UFBA; Professor Adjunto de Urologia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Brasil” de autoria do “Cirurgião e licenciado para curar em Medicina”, Francisco Antonio de Sampaio. Português, natural de Vila Real no Arcebispado de Braga, residindo no Brasil pelo menos desde 1758, viveu nas capitanias do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia. Nessa última, Sampaio fixou residência na Villa da Cachoeira onde realizou estudos da rica flora e fauna do Recôncavo baiano (SAMPAIO, 1971. p. 9, 11; MARTINS, 2008, p. 15).

Na condição de pesquisador, Francisco Sampaio deixou um significativo e pioneiro legado sobre a flora, fauna e práticas de cura do Recôncavo baiano, que nos permite identificá-lo como um dos mais importantes estudiosos em Ciências Naturais da Capitania da Bahia, durante o século XVIII. Particularmente sobre a Vila da Cachoeira, os estudos de Sampaio se estenderam à botânica, zoologia, cirurgia, anatomia comparada, farmácia e geografia urbana, além da atuação na função de cirurgião e licenciado para curar em Medicina, como Partidista do Senado da Câmara e do Hospital São João de Deus (MARTINS, 2008. p. 15; KIRSCHNER, 2004. p. 76).

O médico, licenciado ou cirurgião partidista ou do partido, era o profissional contratado por um hospital ou pelo Senado da Câmara, portanto, pelo poder público para tratar os pobres, presidiários e necessitados. Em vista disso, Francisco Sampaio manteve vínculos profissionais com as duas instituições, atendendo assim os doentes internados no Hospital São João de Deus e, em paralelo, aqueles pacientes residentes na vila cujos cuidados com a saúde, de forma facultativa, eram assumidos pelo Senado da Câmara (RIBEIRO, 1997. p. 33).

Referente aos cuidados prestados aos doentes pobres, pelos terapeutas contratados para tal fim, tanto pelo Conselho ou Senado da Câmara das vilas ou municípios, quanto por hospitais, Coelho (2014, p. 32), relata que, em Portugal, era facultada às Câmaras que tivessem condições financeiras a contratação de profissionais das artes de curar, para assistirem aos pacientes necessitados. Para tal, esses terapeutas eram “renumerados como *somma certa*, e não por visita”, e segundo o estudo, possivelmente foi por essa razão que o médico passou também a ser designado também pelo cognome de “facultativo”.

Eram pagos pelos impostos municipais e contratados pelas câmaras, que posteriormente solicitavam à Coroa a sua provisão definitiva para um lugar a que chamavam de “partido médico”. O desempenho destes partidistas consistia em “curar” os doentes pobres dos municípios contratantes, embora

alguns deles pudessem assistir, em paralelo, nos hospitais, onde estes existissem, fossem propriedade ou geridos pelas Misericórdias, bem como exercer o “pulso livre” (COELHO, 2014. p. 32).

Além disso, Francisco Antonio de Sampaio foi sócio da Academia Real de Ciências de Lisboa e a análise de correspondências encaminhadas por ele para a Academia metropolitana nos oferece a oportunidade de conhecer sua formação intelectual e parte da sua rede de relações humanas. Sobre a formação intelectual, Francisco Sampaio pode ser considerado como um homem da “Ilustração” portuguesa, pois além de membro da Academia de Ciências, demonstra estar integrado aos rumos iluministas vigentes à época no reino português no qual prevalecia uma visão pragmática e utilitarista do papel reservado para a ciência (MARTINS, 2008. p. 13).

Muitos ilustrados que participam da governança pombalina se uniram em torno da formação de uma Academia que fosse capaz de elaborar projetos e redimensionar o papel das colônias. Essas duas funções tinham um objetivo prático: recuperar a economia do reino, agora funcionalizada em torno de uma nova concepção de riqueza. Para alguns ilustrados portugueses, ou mesmo estrangeiros que por lá militavam intelectualmente, a natureza era encarada de uma forma quase divina, produtora de valores, onde cabia aos homens apenas tirar proveito dela. Esse era um dos aspectos dessa nova concepção (PEREIRA, 2013. p. 80).

Em carta à Academia, datada de março de 1783, Sampaio informa que já se encontra no Brasil há 35 anos e que se entregou, por uma natural propensão, ao estudo da medicina, cirurgia e farmácia. Ademais, informa também que seu desejo é ser um pouco útil a sua nação e que estava encaminhando o volume da sua obra, referente ao reino vegetal, para que a Real Academia lisbonense disponibilizasse-o para conhecimento e utilidade pública. Ao final, relata ser adepto da “benigna proteção que movem o ânimo dos estudiosos para que concorram a instruir a nação e dar as Artes e ciências um imortal e glorioso esplendor e a utilidade do bem comum” (OLIVEIRA, 2008. p. 10; MARTINS, 2008. p. 12; PEREIRA, 2013. p. 80).

Sobre a rede de relações humanas de Francisco Sampaio, é fato que ele foi contemporâneo de Dr. Joaquim Amorim de Castro, que a época era Juiz de Fora da Vila da Cachoeira, e através de quem recebia correspondência da Academia lisboeta. Portanto, é razoável admitir que, além da amizade com esse bacharel que na Universidade de Coimbra, em Portugal, fora aluno do professor Domingos Vandeli,

também existiu entre os dois, vínculos de apoio e cooperação nos estudos que, por certo, vieram a influenciar e contribuir na pesquisa, organização e redação da obra intelectual de Sampaio (MARTINS, 2008. p. 15).

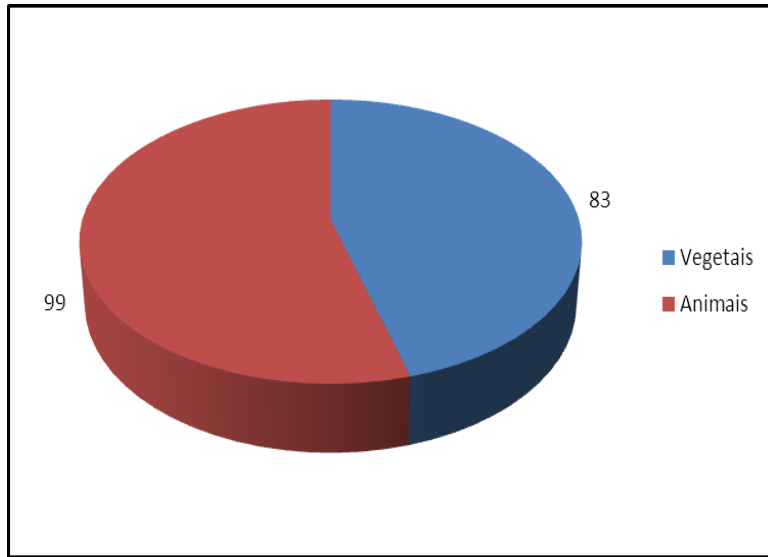
Em outra carta, essa datada de 27 de maio de 1789, endereçada novamente a Academia de Ciências lisbonense, Francisco Sampaio informa ter recebido uma correspondência da supracitada academia que para ele “foi um estímulo vivo para o seguimento do meu principiado”. Na mesma correspondência, Sampaio informa sobre o segundo volume da obra “História dos Reinos Vegetal, Animal e Mineral do Brasil” e queixa-se de que, por exercer atividades no campo das artes de curar, fora multado pelos delegados da medicina em 70\$000 (setenta mil) réis e pelo delegado da cirurgia em 52\$000 (cinquenta e dois mil) réis, ambos, representantes régios que atuavam na Fisicatura do reino. Por fim, discorda da pena que lhe foi imputada, vez que, “tivesse a honra de ser nomeado na lista dos correspondentes da Real Academia” além de manter em mãos a “licença vitalícia concedida por sua Majestade Fidelíssima e assinada pelo físico-mor do Reino, Cristóvão Vaz Carapinho” (MARTINS, 2008. p. 13).

## 2. AS PESQUISAS EM HISTÓRIA NATURAL

Da obra setecentista de Francisco Sampaio, *História dos Reinos Vegetal, Animal e Mineral do Brasil*, são conhecidos apenas dois, dos três tomos anunciados pelo pesquisador no título do trabalho, uma vez que, até o presente o terceiro não foi localizado. No primeiro volume, referente ao reino vegetal, o licenciado descreve 83 (oitenta e três) espécies vegetais e no segundo volume, referente ao reino animal, são descritos 99 (noventa e nove) diferentes animais conforme demonstrado no gráfico 1.

Gráfico 1. Espécies de vegetais e animais estudadas por Sampaio.





Fonte: SAMPAIO, 1971. Tomo I, p. 11-86; Tomo II. p. 1-87.

Nota: Elaborado pelo autor (2015).

Referente ao tomo I, datado de 1782, usando como referencial nas suas pesquisas, sistema de classificação das plantas proposto pelo botânico Carl Von Lineu, o cirurgião e naturalista adentra pela “Botânica Médica” e faz a descrição das plantas, “com suas virtudes, dozes, e methodo de as aplicar nos enfermos” das quais foram feitos 170 (cento e setenta) belos desenhos que, por sua vez, foram gravados e reunidos em 20 (vinte) “Estampas” (Figuras 1 e 2). Nesse volume, está registrada a rica experiência do cirurgião no uso das plantas da Vila da Cachoeira com fins medicinais que, didaticamente, são separadas de acordo com a maneira de uso e a ação farmacológica esperada.

Figura 1. Gravuras de espécies da flora



Fonte: SAMPAIO, 1971. Tomo I. p. 90.

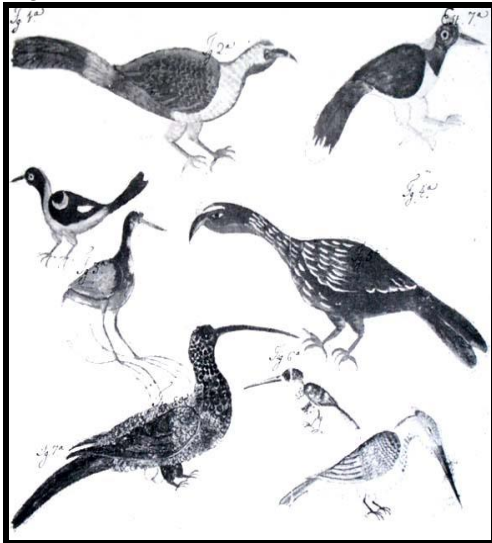
Figura 2. Gravuras de espécies da flora



Fonte: SAMPAIO, 1971. Tomo I. p. 91.

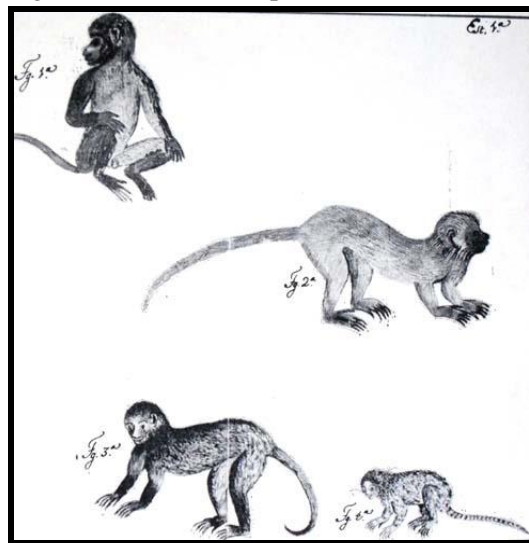
No tomo II, dedicado à zoologia e datado de 1789, o cirurgião faz a “*descrição de vários animais estampados nas suas naturaes cores*” e utiliza termos referentes a classificação dos seres vivos, consagrados desde a antiguidade. Assim, Francisco Sampaio, de forma sistematizada, descreve a “*anatomia, o habitat e as virtudes e uso*” de espécies de aves, mamíferos, répteis, insetos, peixes e crustáceos, cujas gravuras estão distribuídas em 20 (vinte) estampas (Figuras 3 e 4). “*Em que se mostram por numeros as figuras, retratadas com seus nomes, e adiante as paginas, onde se achão descriptos os animais*” (SAMPAIO, 1971. Tomo II. p. 1-87).

Figura 3. Gravuras de aves



Fonte: SAMPAIO, 1971. Tomo II. p. 99.

Figura 4. Gravuras de primatas



Fonte: SAMPAIO, 1971. Tomo II. p. 93

Referente a cirurgia, a obra de Francisco Sampaio oferece a oportunidade de se conhecer detalhes sobre práticas curativas intervencionistas, utilizadas pelos terapeutas que atuaram na Vila da Cachoeira na época colonial, bem como a nosologia regional do Recôncavo baiano. Especificamente sobre o “Maculo ou corrupção do Bicho”, além de utilizar a “Erva do Bicho”, como recomendava na obra Erário Mineral, o cirurgião Luís Gomes Ferreira, Sampaio faz uma detalhada descrição dos achados patológicos da

“enfermidade a que o vulgo, e alguns escritores denominam bicho” (SAMPAIO, 1782. Tomo I, p. 62; FERREIRA, 2002. V. 2, p. 635).

Esta enfermidade não há outra couza mais que huma relaxação do sphinter do dito anus occasionada pelo nímio calor que nos corpos infunde o clima americano. Os doentes... além de padecerem de febre, anciedade, prostação de forças, espreguiçamento, e outros mais sintomas, sofrem aquela relaxação do sphinter com tanto excesso, que de nenhuma sorte podem reter as fezes alvinas, e se constituem marasmadas até que miseravelmente acabam a vida à violência de tão perniciosa doença (SAMPAIO, 1782. Tomo I, p. 62).

Ainda sobre cirurgia, pode-se aquilatar a formação de Sampaio através do conhecimento sobre a anatomia, esse, por sua vez, um saber básico para o bom desempenho das atividades cirúrgicas. Ademais, embora sem descrever intervenções em humanos, Francisco Sampaio demonstra conhecer a arte cirúrgica, ao fazer relatos comparativos da anatomia humana, com a constituição morfológica de outros animais. Na classificação dos últimos, Sampaio, utiliza inclusive, termos empregados por Aristóteles<sup>2</sup>, em diferentes textos. Por exemplo, descrevendo a anatomia do Guariba, “maior dos Bugios Brasilienses”, Francisco Sampaio relata:

*As vísceras deste animal em pouco diferem das humanas, assim como os ossos, principalmente na região thoracica, braços, maons, e cabeça; tem porém mais cinco vertebrae na espinha, que o homem. Os ossos e ischios são mais compridos, e acanulado, mas os pes diferentes. Eu fiz hum esqueleto dos ossos desse bugio, tirando-lhe as cinco vertebrae, que tem demais; posto em pe parece esqueleto humano (SAMPAIO, 1789. p. 3).*

Quanto à anatomia animal comparada, campo de conhecimento vinculado a zoologia e às obras de Aristóteles (384-322 a. C.), que na antiguidade realizou observações com verdadeiro rigor científico sobre a reprodução de plantas e animais, Francisco Sampaio também realizou primorosas observações morfológicas de animais do Recôncavo baiano (Quadro 1). Registre-se que desde a antiguidade a anatomia animal comparada, ou seja, descrição anatômica comparativa entre diferentes espécies foi realizada por Aristóteles em *Historia Animalium*, obra na qual são classificadas cerca de 500 (quinhentas) espécies de peixes, estudada a vida das abelhas e descrito o

---

<sup>2</sup> Segundo Charles Singer (1996, p. 44) embora Aristóteles não tenha criado classificação formal dos animais, nos seus textos, de forma dispersas são encontrados termos que sugerem uma possível proposta de classificação (SINGER, C. (Trad. Marina Rachel Araújo). Uma breve história da Anatomia e Fisiologia desde os gregos até Harvey. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1996).

anatomia do estômago de ruminantes (TUBINO 2009, p. 1; MENEZES, 1997. p. 50; SINGER, 1996. p. 42).

Quadro 1. Termos morfológicos utilizados nas descrições anatômicas.

APARELHOS	SISTEMAS
Locomotor: mãos, braços, esqueleto, vértebras, espinha.	Respiratório: Tórax, traqueia.
Reprodutor feminino: ovário, tubas falopianas, útero, vagina, placenta, cordão umbilical, feto.	Digestório: esôfago, intestino, jejuno, íleo, cécum, cólon, recto, anus, fígado, vesícula biliar.
Reprodutor masculino: pênis, testículo, vaso espermáticos.	Urinário: rins, bexiga ou vesica urinária, uretra.

Fonte: SAMPAIO, 1971. Tomo II. p. 1-87.

Autor: Elaborado pelo autor (2014)

Por sua vez, quanto à farmácia e a terapêutica, a obra escrita por Francisco Sampaio, cujos manuscritos do tomo I, referente ao Reino Vegetal e do tomo II, referente ao Reino Animal, foram encaminhado para a Academia de Ciência de Lisboa, respectivamente, nos anos de 1782 e 1789, deve ser incorporada ao conjunto de manuais de práticas fármaco-medicinais<sup>3</sup> escritos no reino de Portugal, desde o início do século XVIII. Nesse período, de forma similar ao que acontecia em outros países europeus, ao tempo em que a Ilustração promovia o questionamento de valores através das ideias iluministas que deram o tom cultural ao “Século das Luzes”, em Portugal ainda prevalecia as práticas curativas fundamentadas no galenismo (GOMES, 2011, p. 1).

Assim, no volume I, História do Reino Vegetal, didaticamente, além das descrições morfológicas das plantas “*com suas virtudes, dozes, e methodo de as applicar nos enfermo*”, num linguajar hipocrático-galênico, o terapeuta descreve como preparar os remédios cujos efeitos determinam sua classificação de acordo as indicações terapêuticas, conforme demonstrado no quadro 2 (SAMPAIO, 1971. Tomo I. p. 11-86):

Quadro 2. Remédios utilizados por Sampaio de acordo com as suas virtudes.

<sup>3</sup> Segundo Guerra e Alves (1987, apud Gomes, 2011, p. 2) os manuais fármaco-medicinais ou farmacopeias, são textos utilizados no ensino sobre as práticas terapêuticas médico-farmacêutica e da fabricação de drogas e composição de substâncias, contendo a sistematização de diversos naturais utilizados na produção de “remédios” bem como substâncias com finalidade terapêutica (GOMES, L. G. **Animais que curam: circulação de saberes e medicamentos de origem animal no Reino português.** Anais do XXVI Simposio Nacional de História – ANPUH – São Paulo, julho de 2011. p. 2).



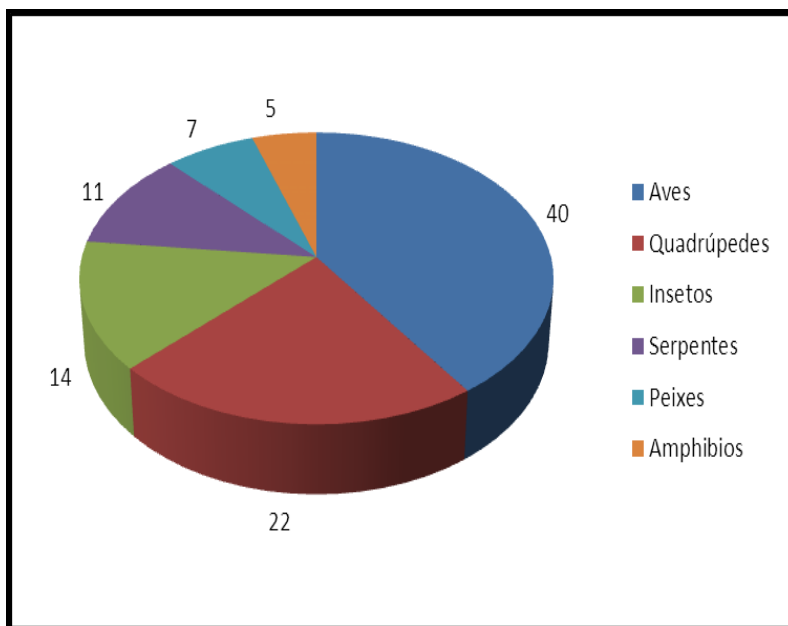
REMÉDIOS	EFEITOS E INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS
Adstringentes	São os preparados que apertam, cerram, uní os poros ou mundificam.
Antivenéreos	Atuam contra doença venérea, mal francês ou gálico
Anticolicos	Atuam no tratamento das dores de cólicas (Antiespasmódicos)
Contravenenos	Curam o veneno ou são contrapeçonhentos.
Detergentes	Limpam feridas, úlceras ou chagas, favorecendo a cicatrização.
Diaforéticos	São remédios sudoríferos ou que estimulam a transpiração.
Desobstruentes	Atuam contra obstruções.
Febrífugos	Afugentam a febre.
I[n]crassantes	Atuam com encrassantes ou engrossantes.
Eméticos	São remédios que provocam vômitos.
Purgantes	Purificam, afinam, apuram ou limpam por meios de purga.
Rezolutivos	Tem a virtude de resolver, recolher tumores e inflamações.
Refrigerantes	Diminuem o calor interno do corpo.
Temperantes	Abrandam ou moderam algum mal.

Fonte: SAMPAIO, 1971. Tomo I, p. 11; MARTINS, 2008. p. 133.

Autor: Elaborada pelo autor (2014)

Ademais, no tomo II, que “Contém a descrição de vários animais estampados nas suas naturaes cores”, Sampaio, de forma sistematizada, descreve a “*anatomia, o habitat e as virtudes e uso*” de espécies de “aves, quadrupedes, serpentes, amphibios, peixes, insectos” (Gráfico 2). Do total de animais descritos, 20 (vinte) espécies são utilizadas no preparo de remédios para tratamento de diferentes doenças do Recôncavo baiano (SAMPAIO, 1971. Tomo II. p. 1-87; SINGER, 1996. p. 44).

Gráfico 2. Espécies animais que foram estudadas por Sampaio.



Fonte: SAMPAIO, 1971. Tomo II. p. 1-87.

Nota: Elaborado pelo autor (2015)

Ao longo do texto dos dois volumes conhecidos da obra de Francisco Antonio Sampaio, o licenciado registra nomes de autores contemporâneos setecentistas, cujas obras demonstra conhecer e que, por certo, lhe servem como referências. Em decorrência, reporta-se com frequência ao sueco Carl von Linné cuja obra “Systema Naturae” foi publicada em 1735, aos portugueses Francisco da Fonseca Henriquez, cuja obra intitulada “Ancora Medicinal” foi publicada em 1721 e Manoel Rodrigues Coelho, autor da obra “Farmacopeia Tubalense”, essa, por sua vez, publicada no ano de 1735 (SAMPAIO, 1971. Tomos I e II. p. 11; NAMURA, 2011. p. 34; HENRIQUEZ, 2004, p.18; GOMES, 2012. p. 76).

Por fim, quanto à geografia urbana, informações sobre a contribuição de Francisco Sampaio podem ser identificadas na carta endereçada por ele à Academia de Ciências, em de 20 de outubro de 1793. Na correspondência, o cirurgião informava que, através do Dr. Joaquim de Amorim Castro, tivera a confirmação de que a supracitada academia recebeu o tomo referente à “História do Reino Vegetal”. Além disso, Sampaio registra outra importante informação, pela qual da conta de que, foi por contratempo com o pintor, que desenhava as gravuras, que ele não encaminhou a descrição que fizera da Vila da Cachoeira, além de registra que foi pelo “ardente zelo de ser solícito nos

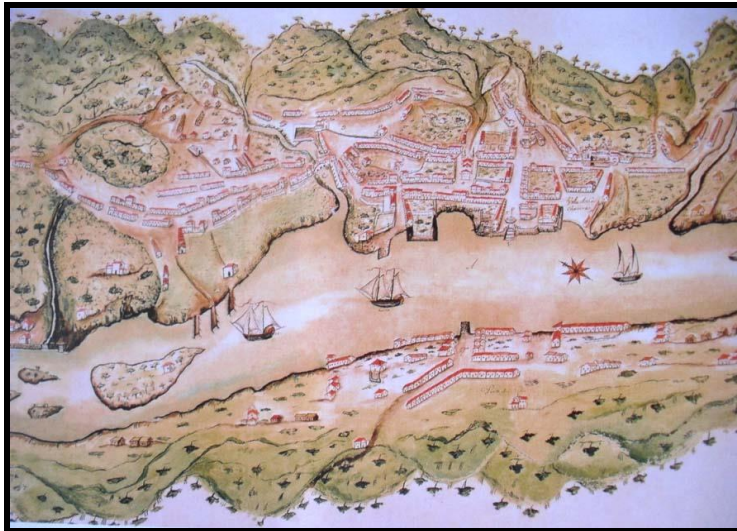
preceitos de V. Ex<sup>as</sup>. que me fez passar de médico a geógrafo” (MARTINS, 2008. p. 15).

Ainda na carta, desconfiado de possível extravio do memorial descritivo que fizera da Vila da Cachoeira, Sampaio pede que a Academia de Ciência confirme o recebimento de “um caixão pregado”, contendo “livro, relicário e carta”, que foi encaminhado para a Bahia, através de um “sujeito fidedigno”, em 10 de junho de 1789. No parágrafo referente ao memorial descritivo que fizera da vila da Cachoeira, Sampaio registra algumas informações sobre imagens desenhadas no mapa:

Era a descrição da Vila da Cachoeira, desde a primeira casa que foi um engenho de fazer açúcar até o estado presente, com um mapa mostrando esta Vila da Cachoeira vista do porto de São Felix, e este visto daquela, até o horizonte; e, pelo meio, o rio Paraguaçu, e pelo meio dele lanchas, canoas com remeiros, barcas, e agulha de marear mostrando o rumo para onde corre e d’onde vem. Além disto, descritas as plantações e manufaturas dos tabacos, das farinhas, dos açucars, tudo com estampas iluminadas, e o número das almas não só da freguesia da Cachoeira mas também de mais sete que o seu termo compreende (MARTINS, 2008, p. 16).

Portanto, a descrição dos equipamentos nas águas do Rio Paraguaçu, bem como as imagens visualizadas, reciprocamente, em perspectivas a partir do porto de São Félix e da Vila da Cachoeira, nos remete ao desenho aquarelado “Mapa da Villa da Cachoeira” (Figura 5), atualmente no acervo da Biblioteca Pública de Nova York. Em decorrência, pela coincidência dos elementos figurativos descritos, inclusive a incomum “agulha de marear” é razoável admitir que essa importante aquarela, que retrata a geografia urbana da Vila da Cachoeira do final da centúria de Setecentos, foi elaborado pelo pintor que desenhava as gravuras para Francisco Antonio de Sampaio, inclusive, com base nas descrições geográficas elaboradas pelo último (SILVA, 2010. p. 739).

Figura 5. Foto da gravura aquarelada “Mappa da Villa da Cachoeira” c. 1792



Fonte. SILVA, 2010, p. 790.

Entretanto, por motivo ainda não esclarecido, o “mapa e as estampas iluminadas”, que segundo Henry Fernandes e Ana Cristina Oliveira (2007, p. 2), “até o presente não se conhece o autor ou artista da gravura”, encontram-se inseridos no livro de 64 (sessenta e quatro) páginas e 3 (três) ilustrações, cuja autoria é atribuída a lavra do Dr. Joaquim Amorim de Castro. Por sua vez, publicado em 1792, esse livro manuscrito intitulado “Memória sobre a espécie de tabaco que se cultiva no Brasil, com as Observações sobre a Cultura, Comércio, Artes, com a Descrição Botânica das Novas Espécies, Estampas Iluminadas e Mappa da Villa da Cachoeira” não faz qualquer referência ao autor do “mapa e das estampas iluminadas” (FERNANDES; OLIVEIRA, 2007. p. 2).

### 3.CONCLUSÕES

Na história da ciência brasílica do “Século das Luzes” existe um lugar a ser ocupado por Francisco Antônio de Sampaio entre os Ilustrados reinóis, uma vez que, esse “Cirurgião e licenciado para curar em Medicina” desenvolveu estudos pioneiros em História Natural e nas artes de curar, validados inclusive, pelos critérios de cientificidade vigentes à época. Especificamente no campo das farmacopeias, pode-se afirmar que a produção intelectual de Sampaio alcançou os mesmos patamares dos manuais fármaco-medicinais editados à época em Portugal, e na sua maioria, escritos sob a inspiração do legado hipocrático-galênico.



Assim, esse terapeuta e pesquisador, que atuou na Villa da Cachoeira setecentista, merece ter sua obra considerada como um legado original sobre a botânica, a zoologia, as artes de curar e geografia urbana do Recôncavo baiano. Portanto, pela contribuição intelectual para a ciência setecentista, pode-se afirmar que, no mínimo, Francisco Antonio de Sampaio alcançou o mesmo patamar ocupado por bacharéis lusitanos formados na Universidade de Coimbra.

#### 4.REFERÊNCIAS.

**BRASIL. Rotas da alforria: Trajetórias da população afrodescendente na região de Cachoeira/BA.** Relatório Conclusivo da Primeira Etapa. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). 2005.

**CERQUEIRA, J. B. Da Cirurgia à Medicina: a evolução das artes de curar na Bahia oitocentista.** Salvador, Bahia: UFBA, UEFS, UFMG, 2011.

COELHO, J. A. Facultativos dos Partidos Municipais: cuidados médicos Prestados aos doentes pobres nos conselhos e nos hospitais. In: CHAMBOULEYRON, R; ARENZ, K. (Org.). **Anais do IV Encontro Internacional de História colonial. Os prestadores de cuidados de saúde hospitalar em Portugal e no Brasil.** Belém: Editora Açáí, volume 15,2014.

FERREIRA, L. G. (Org. Júnia Ferreira Furtado). **Erário Mineral.** Volumes I e II. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

FERNANDES, H. L. A; OLIVEIRA, A. C. A. R. **Aspectos da “Vila de Cachoeira” no final do século XVIII: apontamentos e reflexões.** Cachoeira, Bahia: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia: Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras vol. 1 (1), 2007.

GOMES, L. G. **Animais que curam: circulação de saberes e medicamentos de origem animal no Reino português.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH – São Paulo, julho de 2011.

GOMES, L. G. **A Farmacopeia Tubalense de 1735 e a construção de um modelo para a farmácia portuguesa setecentista.** Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: São Gonçalo, RJ, 2012.

HENRIQUEZ, F. F. **Âncora medicinal. Para conservar a Vida com Saúde.** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

HOMEM DE MELO, B. **Relatório sobre a Navegabilidade do Rio Paraguassú**. Salvador, Bahia: Typografia do Diario, 1878.

KIRSCHNER, T. C. **Tradição e Reformismo: A justiça no ultramar português**. Penélope, N.º 30/31, 2004.

MARTINS, A. P (ed.). **Eu observo e Descrevo / Francisco Antonio Sampaio**. Rio de Janeiro: Dantes, 2008.

MENEZES, O. B. **A Zoologia de Aristóteles**. Feira de Santana, Bahia: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1997.

NAMURA, H. **Carl von Linné (1707-1778), o patrono da nomenclatura binária dos seres vivos**. Atualidades Ornitológicas On-Line N° 159 – Janeiro/Fevereiro 2011.

OLIVEIRA, M. R. **Entre a Administração e a Ciência: as atribuições de um Bacharel Coimbra na Vila de Cachoeira (1787-1805)**. Curitiba, PR: Universidade Federal do Paraná, 2008.

PEREIRA, R. O. **O Império botânico: As políticas portuguesas para a flora da Bahia atlântica colonial (1768-1808)**. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

REIS JÚNIOR, P. **Maria Quitéria**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1953.

RIBEIRO, M. M. **A Ciência dos Trópicos. A arte médica no Brasil do século XVIII**. São Paulo, SP: Editora HUCITEC, 1997.

SAMPAIO, F. A. **História dos Reinos Vegetal, Animal e Mineral do Brazil, pertencentes à Medicina**. Vol. 89 dos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Divisão de Publicações e Divulgação: Rio de Janeiro, 1971.

SINGER, C. (Trad. Marina Rachel Araújo). **Uma breve história da Anatomia e Fisiologia desde os Gregos até Harvey**. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 1996.

SILVA, M. B. N. **Bahia, a corte da América**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.

TUBINO, P. ALVES, E. **Medicina Pós-hipocrática**. 2009.  
Disponível em: [http://veterinariosnodiva.com.br/books/9-medicina\\_pos-hipocratica.pdf](http://veterinariosnodiva.com.br/books/9-medicina_pos-hipocratica.pdf)  
Acesso em 08 de março de 2013.